

Voces in crescendo. Del mutismo a la afonía en la historia de las mujeres en la arqueología española

Margarita Díaz-Andreu
Octavio Torres Gomariz
Paloma Zarzuela Gutiérrez
(coords.)



INAPH
COLECCIÓN *PETRACOS* 8

**Voces in crescendo.
Del mutismo a la afonía
en la historia de las mujeres
en la arqueología española**

MARGARITA DÍAZ-ANDREU, OCTAVIO TORRES GOMARIZ,
PALOMA ZARZUELA GUTIÉRREZ (COORDS.)

**Voces in crescendo.
Del mutismo a la afonía
en la historia de las mujeres
en la arqueología española**

PETRACOS es una publicación de difusión y divulgación científica en el ámbito de la Arqueología y el Patrimonio Histórico, cuyo objetivo central es la promoción de los estudios efectuados desde el Instituto Universitario de Investigación en Arqueología y Patrimonio Histórico de la Universidad de Alicante –INAPH–. *Petracos* también pretende ser una herramienta para favorecer la transparencia y eficacia de la investigación arqueológica desarrollada, transfiriendo a la sociedad el conocimiento generado con la mayor rigurosidad posible. Esta serie asegura la calidad de los estudios publicados mediante un riguroso proceso de revisión de los manuscritos remitidos y el aval de informes externos de especialistas relacionados con la materia, aunque no se identifica necesariamente con el contenido de los trabajos publicados.

Dirección:

Lorenzo Abad Casal
Mauro S. Hernández Pérez

Consejo de redacción:

Lorenzo Abad Casal
Mauro S. Hernández Pérez
Sonia Gutiérrez Lloret
Francisco Javier Jover Maestre, secretario
Jaime Molina Vidal
Alberto J. Lorrio Alvarado

© del texto e imágenes: los autores

Edita: Universidad de Alicante. Instituto Universitario de Investigación en Arqueología y Patrimonio Histórico (INAPH)

Imagen de cubierta:

José Luis Martínez Boix

ISBN: 978-84-1302-183-6

Depósito legal: A 424-2022

Diseño y maquetación: Marten Kwinkelenberg

Imprime: Byprint

Impreso en España

Maria de Lourdes Costa Arthur (1924-2003). Madrid na antecâmara de um projeto inacabado: 1953

Ana Cristina Martins

IHC-Polo da Universidade de Évora | IN2PAST

Uniarq-Universidade de Lisboa

orcid.org/0000-0002-3148-7849

Resumo

Maria de Lourdes de Costa Arthur é um nome quase ausente da história da investigação da arqueologia em Portugal. Não obstante, a documentação, muita dela inédita, localizada e analisada por nós demonstra como uma jovem licenciada consegue, com o apoio da família e com o seu empenho, obter uma bolsa de estudo no estrangeiro para se especializar em arqueologia clássica, com vista a um futuro profissional que pretende abraçar em Lisboa. O presente texto pretende introduzir o leitor a uma súmula dos trabalhos que efetua enquanto bolsista do Instituto de Alta Cultura em Madrid, tendo como orientador de estágio Antonio García y Bellido durante o primeiro ano em que aqui permanece: 1953.

Palavras-chave: Maria de Lourdes Costa Arthur; Arqueologia em Portugal; Mulheres na Arqueologia; História da Arqueologia; Internacionalização científica.

Abstract

Maria de Lourdes de Costa Arthur is an almost absent name from the history of archeology in Portugal. Nevertheless, the documentation, much of it unpublished, located and analyzed by us, proves how a young graduate managed, with the support of her family and her commitment, to obtain a scholarship abroad to specialize in classical archaeology, with a view to a professional future that she wanted to develop in Lisbon. The present text intends to introduce the reader to a summary of the activities she undertook as a scholarship holder of the Portuguese 'Instituto de Alta Cultura' in Madrid, having Antonio García y Bellido as her internship supervisor during the first year of her stay: 1953.

Keywords: Maria de Lourdes Costa Arthur; Archaeology in Portugal; Women in archaeology; History of archaeology; Scientific internationalization.

1. O ano de (quase) todas as decisões

A 5 de janeiro de 1953, a jovem licenciada em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Maria de Lourdes Costa Arthur, cumpre parte do seu objetivo académico: especializar-se em arqueologia no estrangeiro (Martins, 2016). Para trás, deixa um país que lhe parece demasiado exíguo para as suas pretensões de aprofundar conhecimentos nos domínios da história da arte e da arqueologia clássica. Disso nos dão testemunho os seus primeiros trabalhos práticos e a própria tese de licenciatura, reforçados pelo plano de atividades que traça para justificar o pedido de bolsa, no estrangeiro, ao Instituto de Alta Cultura (IAC) (Rollo *et al.*, 2012; Martins, 2016).

Num Portugal que parece ainda pouco acostumado à presença ou, melhor, ao protagonismo de mulheres na esfera da investigação científica (Martins, 2013; 2014), Costa Arthur sobressai pela convicção e tenacidade. Sabe o que pretende para o seu futuro, pelo menos no imediato, e o que procura não se encontra no território nacional. Por isso, apoiada por figuras como as de Manuel Afonso do Paço (1896-1968), com quem colabora desde há algum tempo, e uma preciosa carta de referência redigida por Antonio García y Bellido (1903-1972) (Schattner, 2005), por intermediação daquele militar-arqueólogo, Costa Arthur obtém uma bolsa do IAC (Martins, 2016). Embora o destino não seja o que ambicionara (Itália), Madrid marcará para sempre a sua vida. Durante vários meses, aqui desenvolve atividades de aprendizagem e convivência científica no *Instituto Español de Arqueología Rodrigo Caro* (1951), do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas* (CSIC) (1939), dirigido por García y Bellido (García y Bellido, 1951). Ações que cumpre com o maior desvelo e paixão. Uma dedicação à qual não estranhará certamente o facto de estar ciente do quanto dela dependerá o concretizar do seu anseio nuclear: o de vir a ocupar o lugar de conservadora de um museu nacional (Martins, 2016).

Mas, em Madrid, onde estagia? O que estuda? Que projetos de investigação executa? Que redes de produção, transmissão e receção de conhecimento integra? Corresponde a realidade encontrada no terreno às expectativas acalentadas de início? Consegue Costa Arthur ultrapassar preconceitos e manter-se no caminho que escolhera como seu? Diverge o seu percurso dos trilhados por outras cientistas portuguesas, incluindo arqueólogas? São questões que procuramos responder neste texto através da análise da sua estada numa Espanha franquista, ao mesmo tempo que intentamos vislumbrar as razões da quase total ausência da historiografia nacional deste interessante episódio da arqueologia portuguesa, mas também espanhola.

2. Madrid: expectativas, desilusões e renovações

Costa Arthur chega à capital espanhola às 10,30 horas de 6 de janeiro de 1953. Na estação de comboios, espera-a uma representante da instituição para a qual fora destinada: o *Colegio Mayor Universitario Feminino "Padre Poveda"-Isaac Peral*. Instituição Tereniana feminina cujas instalações reputa, em carta endereçada ao presidente do IAC no dia seguinte, de “*menos más*”. Mas o que parece entusiasma-la neste primeiro momento é a convivência, “*verdaderamente internacional*. Ao todo estão cá 130 raparigas entre francesas, italianas, venezuelanas, bolivianas, filipinas, etc. Sou a única portuguesa” (7/1/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0627/13. Nossos itálicos). A ênfase que coloca nesta particularidade não surpreenderá pelo muito que poderia retirar desta experiência multinacional que rareia ainda na arqueologia portuguesa, pese embora a organização de campos internacionais de Verão, mormente por mão de Afonso do Paço (Martins, 2005).

A julgar, porém, pelo teor do “Relatório acerca da atividade desenvolvida e assuntos que com ela se relacionam” que dirige ao IAC em abril, Costa Arthur acaba por se desiludir com as instalações onde é então acomodada. Deceção que resulta certamente de uma falha de comunicação institucional prévia e de critérios de exigência pessoal entendíveis à luz da sua origem familiar. Não obstante a diferença substantiva do valor mensal a entregar nesta outra instituição, o *Colegio* para o qual se transfere parece responder, por fim, às suas exigências de estudiosa. Além disso, o ambiente internacional que a fascinara desde logo está de igual modo presente nestas instalações, sendo este um aspeto de não somenos importância porque “Um dos grandes proveitos que tenho tirado da estadia no Colégio é a oportunidade que me proporciona de conviver com estrangeiras, *praticando desta maneira, não só o espanhol como o inglês, francês e italiano*, todas elas de capital interesse para as consultas bibliográficas” (10/2. Madrid 16 de abril de 1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0627/13. Nossos itálicos).



Figura 1. Maria de Lourdes Costa Arthur. Fonte: Correia (1978: 89)

Definitivamente instalada, Costa Arthur começa a *vida de trabalhos* após reunir com García y Bellido. Trata-se de um encontro muito importante. Desde logo, por ser o primeiro durante o qual estabelecessem as primeiras impressões interpessoais e um grau inicial de confiança mútua. Depois, por ser nele que Costa Arthur apresenta o plano de trabalhos que traçara ainda em Lisboa para efeitos de obtenção da bolsa, além de colocar à apreciação a sua dissertação de licenciatura. Por fim, e não menos importante, por tomar conhecimento do programa que o seu orientador, García y Bellido, definira para o seu estágio.

Entre as decisões tomadas nesta reunião, consta a frequência das “explicaciones regulares que durante el curso pasado di [García y Bellido] en la Universidad Central [Universidad de Madrid], dedicadas especialmente a Arte etrusco y romano” (Madrid, s/d. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/22). Por isso a vemos deslocar-se à Faculdade de Filosofia e Letras todas as terças e quintas-feiras, a partir de 12 de janeiro. Segundo nos relata Costa Arthur, o professor, catedrático de arqueologia clássica nesta universidade desde 1931, ilustra todas as aulas com projeções, sendo os conteúdos distribuídos do seguinte modo: “I - Arqueologia Etrusca: Civil, Arquitetura Religiosa. II-Arte Etrusca: Pintura, Escultura (loba do Capitólio - obra máxima). III - Influência da Arte etrusca. IV - Arqueologia e Arte Romanas. V - Influência grega e etrusca nesta Arte” (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0627/13). Trata-se de um programa que parece preencher quase por completo os ensejos de Costa Arthur. Com efeito, comparando o seu teor com o plano geral que apresentara ao IAC a 5 de novembro de 1952 (Martins, 2016), verificamos que apenas o estudo pormenorizado da Lusitânia Antiga não é contemplado nas aulas, por razões que serão compreensíveis. Focada, porém, no estudo desta especificidade, possivelmente com vista ao futuro que almeja (*vide supra*), Costa Arthur pretende ampliar os assuntos abordados nas aulas, até por se tratar, “de assuntos de uma vastidão impossível de se vencer em um ano incompleto. Antes quero exprimir aqui a necessidade de *me dedicar este ano ao estudo concreto da Lusitânia Romana* pelo que começarei por Mérida” (Emérita Augusta, a capital) que “es la ciudad de la Peninsula que há conservado más y mejores monumentos romanos (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11. Nossos itálicos).

Em paralelo, dedica todas as tardes a consultas bibliográficas e à análise de materiais no Instituto ‘Rodrigo Caro’, colaborando “en las labores corrientes, como es catalogación, ordenación, bibliografía, etc” (Madrid, s/d. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/22). Por sugestão de García y Bellido, prepara ainda a dissertação de licenciatura para publicação através do CSIC: “Fiquei radiante, como é de calcular, começando desde então a coligir mais elementos afim de fazer um estudo tanto quanto possível completo. *Sob a orientação de tão insigne Mestre não receio dificuldades!*” (Madrid, 16/04/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/10/2. Nossos itálicos).

O empenho, o potencial, a capacidade e a qualidade de trabalho que demonstra merecem que García y Bellido a convide a produzir, cumulativamente, outros trabalhos para publicação imediata. O primeiro deles destina-se ao número de maio da revista que cofundara, em 1940, o *Archivo Español de Arqueología* (AEspA) do CSIC, e centra-se no estudo da “máscara funeraria romana hallada a fines del siglo pasado en Alcacer do Sal y que creíamos todos perdida, pero que la diligencia de la Srta. Costa Arthur pudo descubrirla en el Museo das Janelas Verdes” (Madrid, s/d. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/22):

Iniciei o trabalho de investigação e, o que a princípio parecia ter solução rápida, apresentou-se revestido de grande complexidade, o que mais me entusiasmou. Descubro o sítio onde se encontra a peça arqueológica, (que desde há muito se julgava perdida) que venho estudando, com a ajuda carinhosa do Sr. Diretor do Museu de Arte Antiga, Doutor João do Couto¹, que poderá testemunhar o quanto o incomodei. Para o mesmo efeito mantive-me em contacto direto com o Snr. Diretor do Museu Etnológico; Snr. Prof. Doutor Francisco Gentil², proprietário do terreno onde apareceu a máscara funerária (peça submetida ao estudo); com o Snr. Conservador do Museu de Évora; por último com a Academia de Bellas Artes³ e Snr. Conservador do Museu [Municipal] de Alcácer-do-Sal (Madrid, 16/04/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/10/2).

Costa Arthur é, por conseguinte, incumbida por García y Bellido de localizar e estudar uma peça conhecida desde o século XIX. Conhecida, mas agora em parte incerta por razões que se prendem com os percursos por vezes sinuosos de objetos em contexto de coleção e de museu. Entende-se assim que García y Bellido atribua o seu estudo a uma dedicada e exigente jovem arqueóloga portuguesa dominando vários idiomas e com aptidão para o relacionamento interpessoal, sendo que “a todos devo o meu reconhecimento, porque de facto têm respondido prontamente aos meus apelos”. Mas Costa Arthur vai mais longe no rigor que coloca no trabalho, pois, “para maior eficiência mandei tirar fotos, microfimes, desenhos, etc” (Madrid, 16/04/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/10/2), principalmente quando, para esclarecer incertezas, consulta a vasta correspondência de Possidónio da Silva (1806-1896), presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1863) (28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11) (Martins, 2003; 2015). Uma exigência moldada em Lisboa e desenvolvida em solo madrileno com os métodos que aqui apreende.

-
1. João Couto (1892-1969) é historiador de arte, especialista em pintura portuguesa, autor de extensa obra sobre arte portuguesa, pintura e restauro de obras de arte.
 2. Além de proprietário do terreno, médico e professor universitário, Francisco Gentil (1878-1964) possui vasta coleção de materiais antigos, entre os quais arqueológicos (Arthur, 1952).
 3. A origem da Academia Nacional de Belas Artes encontra-se em Lisboa no ano de 1836.

Nada que a impeça de continuar a colaborar com investigadores portugueses, preparando quatro trabalhos coautorados com Afonso do Paço para serem apresentados a congressos que terão lugar em breve. Enquanto isto, procura justificar o pedido de renovação da bolsa, redigindo um “plano a executar se for aprovado pelo Instituto para a Alta Cultura” (Madrid, 16/04/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/10/2) baseado nas sugestões que lhe são apresentadas por reputados arqueólogos espanhóis. Entre estes, encontramos os professores da Universidade de Barcelona, Martín Almagro Basch (1911-1984) e Luis Pericot (1899-1978).

São estes dois arqueólogos que a convidam a participar nas escavações de Ampurias (Madrid, 16/04/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/10/2). Outros, como Antonio Arribas Palau (1926-2002), futuro diretor do *Museo Arqueológico de la Diputación Provincial de Almería* e, então, *Ayudante* - professor assistente -, de Martín Almagro, responsável pelas escavações de *Los Millares*, desafiam-na a incorporar as respetivas equipas de trabalho. Solicitações que parecem alicerçar a sua própria vontade e também a opinião de García y Bellido para,

conhecer todo o Levante Espanhol, descer pela costa Mediterrânea, visitar todas as jazidas arqueológicas, todos os Museus regionais, de todos tomar notas e ensinamentos e depois reunir-me em Andaluzia aos congressistas com destino a Tetouan, visitar o mais que for possível do Norte de África, voltar a Madrid pelo lado oposto e depois seguir para a Galiza, de grande interesse pré e proto-histórico, com estreitas relações com as culturas das mesmas épocas do N. de Portugal (Madrid, 16/04/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/10/2. Nossos itálicos)

Estas visitas são importantes para uma jovem investigadora que ambiciona integrar a equipa de importante museu arqueológico português (*vide supra*). Daí que procure obter uma visão de conjunto dos sítios, coleções, museus e projetos de investigação, ao mesmo tempo que constrói uma ampla e substantiva rede de contatos científicos. Entretanto, tem de continuar a produzir conhecimento e património arqueológico, ciente de que “A um arqueólogo *não basta o trabalho de gabinete*, antes este *deve ser uma consequência do executado em campo e do conhecimento direto das jazidas* que se estudam ou somente se faz referência, ainda que breve” (Madrid, 16/04/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/10/2. Nossos itálicos).

3. Barcelona: o desvendar de novos horizontes

A convite de Martín Almagro, rumo a Barcelona a 1 de junho para incorporar o *VII Curso Internacional de Prehistória y Arqueología*, organizado pela Universidade de Barcelona em colaboração com o Instituto ‘Rodrigo Caro’ e o apoio da *Dirección General de Relaciones Culturales* e das autoridades de Barcelona e Gerona. Mas, por razões que desconhecemos até ao momento, Costa Arthur incorpora o curso apenas nos últimos dias, “y un poco atropelladamente por la época en que ha venido a Barcelona” (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/12).

Não obstante, gera boa impressão, designadamente pelo “su trato y su labor como estudiosa agregada aquí a mi escuela” (Barcelona, 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/12). Em Ampurias, integra todo o tipo de trabalhos: escavações, conferências e exames escritos e orais (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11), aprendendo muito nas,

aulas teóricas e práticas, que acompanhavam as escavações em campo, que começavam às 8 h. Tudo fazíamos: desde lavar os objetos que iam saindo da terra (labor muito útil pelo manuseamento das distintas peças) á sua descrição registada no *Diário de Escavações* e classificação, uma vez reunidos no Laboratório. // Tive como Mestres, Prof. Pericot e Prof. Almagro da Universidade de Barcelona; Prof. Beltrán da Universidade de Zaragoza e como Secretário e Ajudante Doutor Palol (Univ. de Barcelona). O 1.º falou sobre Pré-história (grutas: processos de escavação [de grutas pré-históricas (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11)]); o 2.º como Diretor, acompanhou-nos sempre e teve a seu cargo o período clássico [expôs sobre: fíbulas, cerâmicas – ática e proto-campaniense, campaniense, sigillata lucernas; unguentários; ânforas (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11)]; Prof. Beltrán expôs sobre Numismática ibérica, fenícia, grega e romana. Depois de cada uma das conferências *fazíamos exercícios escritos e orais*, distintos para cada um, relacionados com o que acabávamos de ouvir (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/13).

Com efeito, além de proceder a trabalho de campo, escavando unidades estratigráficas no interior de um torreão da muralha Sul, para delimitar cronologias e obter elementos passíveis de compreender a sua origem cronológica, Costa Arthur descreve com detalhe as atividades desenvolvidas no seu diário de escavações (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11). No regresso do trabalho de campo, assiste a conferências, após as quais realiza exercícios escritos e orais, enquanto aprende a “manejar os livros indispensáveis e tínhamos elementos de sobra para praticar nas inúmeras peças” (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11). Trata-se de um programa intensivo e exigente que lhe permite adquirir os instrumentos essenciais à sua formação complementar, nomeadamente quanto ao método de classificação da *terra sigillata*, pois, em Portugal,

não há mestres habilitados nem uma biblioteca da especialidade nem un Centro ou Instituto de Arqueologia com carácter de Seminário onde se possa aprender e trabalhar. [...] [classificando] mais marcas que antes não conseguira nem o meu colega Bairrão Oleiro⁴

4. Costa Arthur mantém relação próxima com o arqueólogo João Manuel Bairrão Oleiro (1923-2000), professor na Universidade de Coimbra e diretor do Museu Monográfico de Conimbriga (Fabião, 1997), a quem, em 1951, durante a elaboração da sua dissertação de licenciatura, solicitara apoio na classificação das lucernas analisadas, “visto ser ele o único que se poderia pronunciar (1635/11. Lisboa, 28 de outubro de 1953).

que, não obstante muito me ajudara na identificação de outras (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11. Nossos itálicos)

Munida dos necessários conhecimentos e prática, aprofundados com leituras suplementares, Costa Arthur sente-se pronta para “classificar cronologicamente cerâmica campaniforme, sigillata, lucernas, ânforas, unguentários, etc” (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/13). Capacidade que entende não poder desenvolver em Portugal onde “não há ambiente propício, nem vejo grandes possibilidades” (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/13), pelo que sabe da realidade nacional quando confrontada com a espanhola:

É com tristeza que verifico que *o nosso País*, no capítulo da Arqueologia, *está pouco considerado entre os estrangeiros*, quando podia ocupar uma posição de destaque!... Para cúmulo *não temos uma Revista da envergadura de Ampurias*, para não citar outras do país vizinho! Nem sequer poderemos apresentar como desculpa que Portugal é arqueologicamente pobre! ... *Poderíamos igualmente realizar Cursos internacionais* com proveito para nacionais e estrangeiros, nos quais estivessem incluídas *excursões às mais importantes estações!* (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/13. Nossos itálicos)

Neste, entretanto, Costa Arthur consegue, como em Madrid, estabelecer um bom relacionamento com os professores em Barcelona, em especial com Martín Almagro. Torna-se, ademais, figura assídua da biblioteca onde prepara novo artigo destinado ao *III Congreso de Arqueología Nacional* (Galiza) (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21) (*vide infra*). O mesmo sucede no Museu que apelida rapidamente de “minha casa” (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/13), não apenas por nele dedicar longas horas ao estudo de materiais, mas por ocupar um quarto existente nas suas instalações, cedido por Martín Almagro para que possa reduzir as dificuldades financeiras ocasionadas com o pagamento de viagens de estudo e de inscrições em congressos, permitindo-lhe “gastar dinheiro somente nas refeições que vou tomar a um Restaurant baratíssimo” (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/13). Certamente que o valor moderado da bolsa auferida mensalmente justifica esta decisão que não deixa de ser uma crítica ao próprio IAC. Não fosse o apoio familiar e as soluções que encontra pontualmente graças à simpatia que colhe, Costa Arthur incumpriria o plano original de trabalhos. Na verdade, a especialização científica no estrangeiro não está ao alcance de todos e Costa Arthur é beneficiada pela confiança que nela depositam, quer como pessoa, quer como investigadora.

4. De Barcelona à Galiza: cursos e percursos

As dificuldades financeiras não mingam a vontade de Costa Arthur de conhecer mais e de produzir melhor conhecimento arqueológico. Por isso, a 18 de junho, deixa Barcelona com colegas e professores, rumo ao *I Congreso Arqueológico del Marruecos Español en Tetuán* (22-26 de junho), organizado pela *Delegación de Cultura de la Alta Comisaría de España en Marruecos*, em estreita relação com o *VII Curso Internacional de Prehistoria y Arqueología* (*vide supra*) e a presença de representantes de dez países (Palol, 1953: 377). Até Algeciras, aproveitam para visitar estações arqueológicas e museus do levante e sudeste espanhóis. Começam logo em Barcelona, com as muralhas romanas. Daqui seguem para Tarragona onde os esperam muralhas “ciclópeas”, o Arco de Bará, a torre dos Escipiões e a necrópole paleo-cristã. Já em Sagunto, visitam o teatro romano. Segue-se o povoado e a necrópole eneolíticos de *Los Millares*, antes de chegarem a Sevilha onde percorrem as ruínas de Itálica. Dirigem-se depois a Córdoba, visitando Medina-Azahara e “as ruínas aparecidas no edifício da Câmara Municipal quando se procedia a obras” (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11). Por fim, em Menjíbar, percorrem o que remanesce de Ilturgis (Jaén).

Atravessado o estreito de Gibraltar e já em território marroquino, Costa Arthur, “pensionada por el Gobierno Portugués” (Palol, 1953: 377), assiste às cinco sessões do congresso e participa nas visitas guiadas diariamente pelo secretário do congresso, Miquel Tarradell (1920-1995), sendo Lixus, da qual provêm “belos mosaicos patentes no Museu de Tetuán,” segundo Maria de Lourdes Corta Arthur, uma das estações arqueológicas percorridas (Tarradell, 1953: 377-388). O mesmo sucede com Tabernae e Maracheo, “onde, incluída no bairro mouro, há a praça central, obra dos portugueses, muito interessante com os seus arcos redondos e colunas de pouca altura” (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11). O túmulo de Mezora aonde chegam “numa camioneta de carga por caminhos acidentados”, é também contemplado, assim como as ruínas de Tamuda e Tanger onde se detêm nas Cuevas de Hércules e no Museu. Na manhã de 26, dia do encerramento do congresso, há tempo ainda para se deslocarem a Sidi Abdselam del Behar e Emsa. Infelizmente, uma forte constipação impede Costa Arthur de apresentar oralmente o trabalho que preparara com Afonso do Paço sobre sementes pré-históricas do povoado fortificado de Vila Nova de S. Pedro (Paço e Arthur, 1955: 183-187).

No regresso a Barcelona⁵, o entusiasmo de Costa Arthur é notório, afirmando ter sido “incalculável o aproveitamento que tirei ao visitar não só as ruínas como os museus e mantenho o desejo, pleno de *progressivo entusiasmo de ampliar cada vez mais os meus estudos*, o que só poderei levar a cabo *com a ajuda do Instituto para a Alta Cultura*” (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/13).

5. Por razões ainda por aferir, a sequência do itinerário descrito por Costa Arthur não corresponde na íntegra ao relato publicado (Palol, 1953: 375-377).

Os museus situam-se, inegavelmente, no epicentro dos seus interesses. Circunstância pouco inesperada quando pretende trabalhar num museu. Por isso tece considerações sobre os museus que visita ao longo da viagem, com realce para o de Barcelona por nele encontrar uma preocupação com o público visitante e o cumprimento da sua missão educativa que não entrevê em espaços congêneres portugueses:

não se trata de um *museu* só para especialistas, mas e *principalmente para o povo* pois são inúmeras as *maquetas e as reconstituições* um pouco teatrais como por exemplo a das grutas de Altamira com bonecos em tamanho natural reproduzindo os homens e mulheres daquela época, entregando-se um deles ao trabalho de pintar o teto da gruta enquanto uma criança de joelhos sentada nos calcanhares o contempla. Podermos ver ainda a reprodução de uma cozinha e adega romanas (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11. Nossos itálicos).

Reinstalada a 3 de julho na capital catalã, Costa Arthur segue para o norte de Espanha a 13 do mesmo mês a fim de participar, com comunicação, no *III Congreso Arqueológico Nacional*. Realizado entre 18 e 27 de julho, o encontro é dirigido por Martín Almagro e reparte-se entre a Galiza e o Minho. À semelhança de outros, o congresso constitui-se de sessões de trabalho e visitas a estações arqueológicas (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11)⁶ e museus (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11). No dia 25, é a vez de Costa Arthur apresentar a comunicação “Una taza de “terra sigillata” del Museo de Alcacer do Sal” noticiada, com fotografia, no jornal regional “O Primeiro de Janeiro”.

5. Iuliobriga: do inesperado se faz experiência

Findo o congresso, Costa Arthur é chamada a Madrid por García y Bellido. Convidada a participar nas escavações de Iuliobriga (Reinosa, Santander), desloca-se de novo ao norte do país aonde chega a 10 de agosto, integrando assim a primeira campanha de maior envergadura conduzida no sítio. Tendo de proferir conferência em S. Sebastian, García y Bellido entrega-lhe a direção das escavações durante os dias em que está ausente. Costa Arthur torna-se assim responsável por um grupo de 14 trabalhadores, “todos do sexo masculino”, como a própria enfatiza, numa clara alusão às dificuldades decorrentes de uma situação ainda inusual na arqueologia, pelo menos para uma portuguesa (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21).

Não dispomos ainda de dados que nos permitam saber como decorreu esta semana. Parece-nos, no entanto, que tudo terá fluído com normalidade, considerando

6. 14 – Castro de Barbantes. 15 – Citania de S. Ciprián das Las. 16 – Santa Eulália de Bóveda. 17 – Muralhas de Lugo. 18 – Torre e Hércules. 19 – Gravados rupestres de Polvorín. 20 – Castro de Elviña. 21 – Túmulos de Monte Arcas. 22 – Castro “O Castroiño”. 22 – Dolmen do Bronze Mediterraneo I. 23 – Petroglifos de Mogor. 24 – Santa Tecla (citânia). 25 – Santa Luzia (citânia). 26 – Briteiros (citânia).

que, regressado a 24, García y Bellido lhe pede que permaneça até ao fim da campanha, pois “el éxito de las excavaciones depende de Ud.” (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21). Uma insistência que surge após tomar conhecimento dos trabalhos executados e do plano desenhado por Costa Arthur, tudo pormenorizado com tal entusiasmo “que estava vermelha (“del color de la tierra – sigillata” – como diz o Prof.)” (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21). A emoção parece não ser para menos, pois, de entre as boas notícias que relata, sublinha a retificação de um equívoco de leitura que tivera lugar no decurso das escavações:

supunham que uma parede terminava em determinado ponto, mas eu como vi que não haviam chegado ao chão natural fiquei desconfiada e, na ausência do Prof. aproveitei para mandar aprofundar indo encontrar, com efeito, o fundamento da referida parede que continuava, pelo que eles chamam “calle” mas que afinal não podia ser. *Tive muita pena de alterar o plano mas... a verdade acima de tudo!* (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21).

Mas o contributo de Costa Arthur não se resume à direção das escavações, já de si complexa, uma vez que revela uma aptidão inata para a reconstituição de materiais, em especial cerâmicos:

Todos os objetos foram lavados e colados por mim, alguns deles, como tijolos, estavam todos reduzidos a pequenos fragmentos que não apareciam juntos nem tão pouco no mesmo dia. Consegui reconstituir uma série imensa deles entre os quais uma taça de terra – sigillata, a única completa desde que se fizeram as primeiras “escavações” por curiosos. A facilidade com que conseguia unir os troços provocava a admiração do mestre [García y Bellido] (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21. Nossos itálicos)

Ademais, cabe-lhe, nas suas próprias palavras, tratar de tudo *sem ajuda de ninguém*, até ao fim da campanha, “chegando mesmo a lavar a mesa e os bancos, a limpar a casa das aranhas para montar o Museu que havia de ser visitado pelos membros da Diputación [Provincial] de Santander” (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21). Oferecendo o almoço de 31, a Diputación distingue-a com a presidência, possivelmente em reconhecimento do trabalho desenvolvido no sítio. Visitando de seguida as escavações e o Museu, os representantes do Patronato agradecem-lhe o serviço prestado e García y Bellido, “depois de ter feito considerações muito elogiosas disse que me não dispensava para o ano próximo” (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21):

En estas excavaciones la Srta. M.^a de Lourdes Costa Arthur hizo una labor preciosa, que *nunca agradeceré bastante*, porque se encargó del *trabajo más pesado y molesto*, cual es la limpieza, restauración y clasificación científica de todo el material hallado en estas excavaciones. Durante mi ausencia breve se encargó ella misma de la *dirección*

personal de estas excavaciones, haciéndolo con una pulcritud científica modelo (Madrid, 16/04/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/10/22. Nossos itálicos)

“Com efeito, trabalhei com “gana” (como dizem os espanhóis)” (Madrid, 16/04/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/10/22), apesar da inclemência climatérica e da altitude, pois, “quando sopra o vento Norte estende-se uma neblina que reduz a visibilidade e forma gotas nas pestanas e cabelo, gelando” (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21). Não só cumpre como supera as expetativas iniciais, classificando, por exemplo, todo o material da sala do futuro Museu que se encontra ainda amontoado por falta de vitrinas (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21). Por isso também García y Bellido lhe escreve dedicatórias numa fotografia - “A M.^a Lourdes en recuerdo de nuestra común labor en Juliobriga com el agradecimiento por su ayuda científica” (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11) -, e numa separata sobre Juliobriga: “A M.^a de Lourdes colaboradora eficazísima y sumamente inteligente” (Lisboa, 28/10/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/11). Não obstante, Costa Arthur verifica, não sem mágoa, que receberá apenas 1.062,10 pesetas que não chegam para pagar o hotel.

6. O primeiro regresso a Lisboa e a certeza de um percurso

Regressa, por fim, a Madrid. Desta feita, na companhia do próprio García y Bellido e família. É noite de 1 de setembro e Costa Arthur está demasiado fatigada para seguir de imediato para Lisboa, enfrentando uma viagem de comboio de treze horas (Lisboa, 28/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/21). Por isso decide partir no ‘Lusitânia’, domingo, dia 6.

Chegada à gare de Santa Apolónia na manhã de 7 de setembro, Costa Arthur pretende apresentar-se de imediato no IAC. Mas o cansaço acumulado impede-a disso. Ao invés, permanece com a família dois dias antes de viajar até Azambuja, partindo às 16h30 do dia 9. Aqui se reencontra com Afonso do Paço com quem colaborará até 25 do mesmo mês em nova campanha de escavação do sítio de Vila Nova de S. Pedro (Martins, 2019) (Lisboa, 18/09/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/20). Daqui dirige carta ao secretário-geral do IAC, dando-lhe conta do relatório circunstanciado das atividades desenvolvidas em Espanha que lhe endereçará em breve e do qual depende a renovação da bolsa. Pedido que será reforçado com carta dirigida por García y Bellido ao Secretário do IAC, António de Medeiros Gouveia (1900-1972), na qualidade de seu “amigo y colega”, convicto que está do futuro promissor de Costa Arthur:

el sacrificio que haya podido suponer para el Instituto portugués el costear los estudios de ampliación de la referida Srta. dará, sin duda, un fruto magnífico y me atrevo a afirmar que tienen Vds. en esta joven investigadora unas posibilidades muy grandes de obtener resultados arqueológicos de primer orden en Portugal. // [...] me permito decirle

que *todos os dispendios para la ampliación de conocimientos* de la Srta. M.^a de Lourdes Costa Arthur, *se verán compensados por su laboriosidad, inteligencia y preparación* y, si entra en los propósitos de Vds. ampliarle de nuevo la Bolsa de Estudios para trabajar en nuestro lado durante el curso próximo, *será para nosotros un motivo de gran satisfacción y una ayuda para las labores arqueológicas comunes de españoles y portugueses* (Madrid, 16/04/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/10/22. Nossos itálicos).

7. O encerrar de mais um capítulo

Por onde passa, Costa Arthur causa impressão positiva, designadamente pelo “su trato y su labor como estudiosa agregada aquí a mi escuela” (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/12). Qualidades que convencem, não apenas García y Bellido, mas Martín Almagro, persuadido de que, “por su pasión y por su afán a prepararse, muy buenos servicios a la *investigación arqueológica de Portugal que es preciso vuelva a estar representada por los buenos maestros que la Ciencia Arqueológica siempre tuvo ahí... ese país al cual tanto quiero*” (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/12. Nossos itálicos). Aliados à vontade de que a ciência arqueológica em Portugal seja incrementada, estes méritos animam Martín Almagro a recomendar à presidência do IAC a renovação da bolsa de Costa Arthur, evitando assim que “*se desvirtue hacia otros caminos en estos comienzos de su vocación*” (Barcelona. 10/07/1953. AHIC-IAC. Liv. 3, Fls. 175, Proc. 5367. 0635/12. Nossos itálicos), como acontece amiúde, especialmente com mulheres, desistindo da arqueologia para contraírem matrimónio, nuns casos, enveredarem pelo ensino básico, noutros, ou – em exemplos mais venturosos –, ingressarem em quadros de museus, nem sempre com coleções arqueológicas (Bugalhão, 2013; Martins, 2016). É o relatório detalhado das atividades desenvolvidas em Espanha dirigido ao IAC que nos revela como, orientada por García y Bellido, Costa Arthur terminara, entre tantos outros compromissos, dois artigos destinados ao AEspA, como comentámos anteriormente, ilustrados com fotografias que solicitara a instituições portuguesas.

Trata-se, porém, de um exemplo de procura de internacionalização da ciência portuguesa e de uma arqueologia colaborativa, transfronteiriça e interdisciplinar, em busca de padrões internacionais, que acaba por ser de algum modo inconsequente pelo caminho que Costa Arthur é instada a escolher em breve. Um caminho que é o de muitas mulheres da sua geração agregadas a um país profundamente conservador, patriarcal e paternalista, esteado na ideologia totalitária do ‘Estado Novo’ (Martins, 2019). Um futuro que, no seu início, ainda é de alguma esperança para a arqueologia portuguesa, mas que se desvanece rapidamente, remetendo a sua protagonista para a esfera das (quase) invisibilidades. Como temera Martín Almagro (*vide supra*), Costa Arthur abandonará, em breve, a atividade arqueológica. Não por vontade própria. Ao deixar Portugal para constituir família em Espanha, depara-se com a impossibilidade de obter a equivalência dos estudos superiores realizados

em Lisboa, configurando um óbice aos seus anseios científicos. Falta-nos, porém, compreender com maior profundidade este processo, identificando outras razões que justifiquem este afastamento de Costa Arthur, averiguando em que medida a sua condição de mulher e de mulher portuguesa contribui para este desfecho inesperado e a aparente inoperância da rede de contatos pessoais que gerara no seio da academia espanhola para cumprimento do futuro profissional que traçara como seu.

Lisboa, Primavera de 2021
(em plena pandemia da COVID-19)

Agradecimentos

À Família de Maria de Lourdes Costa Arthur, pelo caloroso acolhimento e generosa disponibilização de documentação, muita dela inédita, que em muito enriqueceu a forma e o conteúdo deste artigo. A Todos os seus membros, o nosso mais profundo ‘Bem-Haja’. Ao comité organizador do encontro do qual resulta o presente texto, por todo o trabalho e compreensão, Margarita Díaz-Andreu García, Octavio Torres Gomariz e Paloma Zarzuela Gutiérrez. O texto foi produzido no âmbito dos projetos de investigação financiados pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com a ref. UID/HIS/04209/2020, e pela *Agencia Estatal de Investigación, Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades*, com a ref. PID2019-110748GB-I00 “Recuperando la memoria: recorridos femeninos en la historia de la arqueología española (siglos XIX y XX)” ou “ArqueólogAs”, coordenado por Margarita Díaz-Andreu, *profesora de investigación* ICREA (UB).

Referências arquivísticas

Arquivo familiar de Maria de Lourdes Costa Arthur.

Arquivo Histórico da Universidade de Lisboa-Reitoria. Processo do Livro 12.

Arquivo Histórico do Instituto Camões-Instituto de Alta Cultura (AHIC-IAC).

Livro n.º 3 Fls. 175 Proc. n.º 5367. 0627/13. Processo de Maria de Lourdes de Costa Arthur.

Bibliografia

Correia, R. (1978): *Homens e mulheres vinculados às terras de Almada (nas artes, nas letras e nas ciências)*. Câmara Municipal de Almada, Almada.

Arthur, M. de L. C. (1952): *Necrópolis de Alcácer-do-Sal* (Colección del Prof. Dr. Francisco Gentil). En *Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional*, Institución Fernando El Católico: 369-380. Zaragoza.

Bugalhão, J. (2013): *As mulheres na Arqueologia portuguesa*. En En Arnaud, J. M., Martins, A. y Neves, C. (coords.) *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses: 19-23. Lisboa.

- Fabião, C. (1997): Percursos da Arqueologia clássica em Portugal: da Sociedade Archeologica Lusitana (1849-1857) ao moderno projecto de Conimbriga (1962-1979). Em Mora, G. e Díaz-Andreu, M. (eds.): *La cristalización del pasado: génesis y desarrollo del marco institucional de la Arqueología en España*. Universidad de Málaga: 105-124. Málaga.
- García y Bellido, A. (1951): El Instituto de Arqueología y Prehistoria ‘Rodrigo Caro’. *Archivo Español de Arqueología*, 24 (83-84):161-168.
- Martins, A. C. (2003): *Possidónio da Silva (1806-1896) e o elogio da memória. Um percurso na Arqueologia de Oitocentos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- Martins, A. C. (2005): *A Associação dos Arqueólogos Portugueses na senda da salvaguarda patrimonial. 100 anos de (trans)formação (1863-1963)*, Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de História, especialidade em Arte, Património e Teoria do Restauro, Universidade de Lisboa.
- Martins, A. C. (2013): Mulheres cientistas e os Trópicos: uma visão preliminar”. Em Rodrigues, V.; Martins, A. C.; Duarte, M. C.; Carvalho, M. O. e Antunes, L. F. (eds.): *Ciência nos Trópicos: olhares sobre o passado, perspectivas de futuro*. Instituto de Investigação Científica Tropical - Global Plants, Lisboa.
- Martins, A. C. (2014): Mulheres cientistas nas primeiras missões botânicas. Em Rollo, F., Nunes, M. de F., Pina; M. E. e Queiroz, M. I. (eds.): *Espaços e actores da ciência em Portugal (séculos XVIII-XX)*. Caleidoscópio: 271-292. Lisboa.
- Martins, A. C. (2016): Pioneiras da Arqueologia em Portugal: “another brick” against “the wall” of indifference. Maria de Lourdes Costa Arthur (1924-2003). *Clepsydra*, 15: 77-100.
- Martins, A. C. (2019): Women in the field: Preliminary insights from images of archaeology in Portugal in the 1960s and the 1970s. A first essay. Em Koch, J. K. y Kirleis, W. (coords.): *Gender transformations in prehistoric and archaic societies*. Sidestone Press, Leiden.
- Paço, A. do, Arthur, M. L. C. (1955): Castro de Vila Nova de S. Pedro. Sep. Em *Actas del I Congreso Arqueológico del Marruecos Español*: 183-187. Tetuán.
- Palol, P. de (1953): Crónica del VII Curso Internacional de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Barcelona. *Ampurias*, 15: 375-377.
- Rollo, M. F., Queiroz, M. I., Brandão, T. e Salgueiro, Â. (2012): *Ciência, cultura e língua em Portugal no século XX. Da Junta de Educação Nacional ao Instituto Camões*. Instituto Camões / Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.
- Schattner, T. G. (2005): García y Bellido y la arqueología clásica portuguesa. En Bendala Galán, M., Fernández Ochoa, C., Durán Cabello, R.-M. y Morillo Cerdán, Á. (coords.): *La Arqueología Clásica Peninsular Ante el Tercer Milénio. En el Centenario de A. García y Bellido (1903-1972)*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXIV: 75-80. Madrid.
- Tarradell, M. (1953): El I Congreso Arqueológico del Marruecos Español. *Ampurias*, 15: 377-378.